Resenha bibliográfica

Gropillo, Ciléa. O matemático Gil Henriques, sucessor português de Piaget. *J. do Bras.*, Rio de Janeiro, p.1, cad. *B*, set. 1980.

Trata-se de uma entrevista com o matemático Gil Henriques, que participou do I Congresso Brasileiro Piagetiano, realizado no Rio em setembro de 1980. Respondeu ele a uma pergunta: "Piaget falava sobre tudo porque tinha conhecimento amplo de tudo. Gostaria de ser assim, mas infelizmente tenho minhas limitações. Tenho a sensação de estar protegido quando falo de matemática, um assunto que domino."

Instado pelo entrevistador, responde com prudência a várias perguntas sobre assuntos que diz não entender bem. Declara, porém, ter conhecido a obra de Piaget quase por acaso, por ter comprado um livro sobre o assunto. Ele vem presidindo o Centre International d'Épistémologie Génétique, em Genebra, desde que Piaget adoeceu, dividindo o trabalho com Bärbel Inhelder, antiga colaboradora de Piaget.

Teve ocasião de manter longas conversas com este último, que rejeitava as ortodoxias, era pessoa de trato agradável e capaz de tiradas de grande senso e humor. Mas pouco tratava de educação ou de psicologia: o assunto fundamental era sempre a epistemologia. Sobre educação declarou poder dizer que não há no mundo nenhuma escola que adote o método Piaget, simplesmente porque não existe um método Piaget. O que há são escolas ativas, inspiradas pelas idéias de Piaget e de muitos outros.

O.M.

Leo, John. Jean Piaget: 1896-1980. *Time,* New York, *116* (13):40, Sept. 29, 1980.

Aos 10 anos, Jean Piaget já tinha publicado uma monografia sobre uma espécie rara de pardais albinos. Interessou-se depois pelos moluscos e escreveu tanto sobre eles que foi convidado para o cargo de curador da coleção de moluscos de um museu de sua cidade natal, Genebra, convite que teve de recusar por estar seguindo ainda seu curso secundário. Obteve o doutorado em biologia aos 22 anos; pensou em tornar-se um psicanalista, mas aos 14 anos iniciou seus estudos pioneiros sobre o desenvolvimento da inteligência das crianças.

"Estava obcecado pela idéia da descoberta de uma espécie de embriologia da inteligência", disse ele tempos depois, e aos 30 anos seus estudos receberam a aclamação de toda a Europa. Embora nos EUA e em outros países suas teorias viessem a ser aceitas mais tardiamente, por ocasião de seu falecimento, em setembro de 1980, disse Jerome Kagan, da Harvard University: "Foi ele o mais influente

teorista do desenvolvimento (da mentalidade infantil) do presente século, senão o de todos os tempos."

Não tinha uma personalidade trabalhadora. Era antes pessoa reservada e paternal, andando muitas vezes de bicicleta pelas ruas de Genebra, com sua boina e seu cachimbo. Não obstante, tinha uma grande empatia com as crianças que estudou durante quase 60 anos, aprofundando-se em suas noções sobre o tempo, o espaço, os números e sobre suas noções de ética, fazendo-o tão minuciosamente quanto estudara outrora os moluscos.

Uma de suas conclusões foi que o raciocínio das crianças difere do raciocínio do adulto, que têm diferentes visões do mundo e filosofias literalmente diferentes. Piaget verificou que o pensamento durante a primeira infância se assemelha aos dos povos primitivos e o autor do artigo aponta numerosos aspectos que confirmam este ponto de vista. Segundo Piaget, essas diferenças são a causa de muitos conflitos entre pais e filhos.

A despeito de tais contribuições, Piaget não se considerava um psicólogo nem um educador, mas um biólogo-filósofo que se propunha a estudar como o organismo humano aprende. Sua resposta: Em parte pela sua própria natureza e em parte pelas influências ambientais. Com esta frase ele quis dizer que a criança é de certo modo programada para dominar o pensamento lógico através de estágios previsíveis de desenvolvimento, acrescentando porém que este desenvolvimento depende de uma vigorosa interação com o ambiente.

Assim, a aprendizagem não é alguma coisa que se inculca na criança: é algo que a criança auxilia a criar por suas próprias atividades.

Segundo ele, toda experiência é estruturada pela inteligência. Toda criança constrói e reorganiza constantemente seu próprio modelo da realidade e o faz segundo uma seqüência regular. Descreveu quatro estágios de desenvolvimento mental. Nos dois primeiros anos de vida, a criança se preocupa em compreender os objetivos que a cercam; nos quatro ou cinco anos seguintes, preocupa-se com símbolos, com a linguagem, com sonhos e fantasias; dos seis ou sete até cerca dos 12 anos, a criança penetra no mundo abstrato, dominando as relações, os números e como raciocinar sobre eles. Finalmente, de 12 aos 15, o jovem ataca problemas puramente lógicos e pode raciocinar sobre seu próprio pensamento e sobre o de outras pessoas.

Seus trabalhos, assim como os do antropólogo Levi-Strauss e os do lingüista Noam Chomsky, levaram os que ainda mantinham algum ceticismo a se persuadirem das estruturas mentais indicadas por Piaget.

Uma crítica freqüentemente feita contra ele é que seu trabalho não conduz a nenhuma visão clara de como educar as crianças. Duas de suas conclusões são porém bastante evidentes: a) a motivação e as recompensas não são indispensáveis, pois a estrutura da mente das crianças as leva a um desenvolvimento espontâneo; b) o papel do professor é limitado: para Piaget, o educador é na realidade a criança e não o professor.

O.M.

Lima, Lauro de Oliveira. *Os Mecanismos da liberdade.* Rio de Janeiro, Polis, 1980.

De início declara o autor não ter o propósito de apresentar uma tese acadêmica, baseada em teorias ou dados estatísticos, mas apenas um texto oriundo de estudos, observações e escritos diversos, desenvolvidos no decorrer de suas atividades educacionais.

Antes do primeiro capítulo, transcreve trechos de dois autores e três por ele próprio redigidos anteriormente, onde são tratados os problemas do capitalismo, a crise da humanidade, a socialização e o futuro do homem.

Na introdução, cita o método de Descartes, faz dele uma crítica, e trata da dinâmica de grupo, declarando que a socialização é simplesmente uma etapa do desenvolvimento dos indivíduos e da humanidade. Citando vários autores, transcreve um pensamento de Piaget: "O processo evolutivo é um mecanismo de organização crescente, no sentido de maior autonomia e liberdade."

Nos diversos capítulos, trata da Socialização do pensamento, repetindo uma frase de Teilhard de Chardin: "A condição *sine qua non* do desenvolvimento mental é o amor ao próximo, um processo de *hominização.*" A seguir, refere-se à Moral como regulação das relações interdimensionais (enfatizando o papel do educador); à Transformação histórica das estruturas de relacionamento dos indivíduos na sociedade (a partir da organização tribal aos nossos dias, considerados um período de transição); ao Arcaísmo funcional do princípio da autoridade; à Abstração como forma de dominação; à Operacionalização progressiva das estruturas de relacionamento (onde estuda o caso do Brasil); bem como a diversos outros temas contidos nos 30 capítulos do livro. Seria desnecessário e fastidioso uma referência específica e cada capítulo, cabendo, porém, destacar os referentes às raízes biológicas do amor, aos pressupostos de uma pedagogia da socialização, à origem do poder, à "coletivação" como processo evolutivo e ao novo pacto social, que é o capítulo final, seguido por quatro documentos acompanhados por comentários do autor.

A frase final do livro é a seguinte observação: "O princípio geral que regerá a sociedade será a aceitação de que todos os indivíduos e/ou grupos terão *poder de decisão* no nível de sua inserção no contexto social."

No início do livro havia declarado o autor que cada capítulo representa um estudo independente dos demais. À primeira vista, isto deveria tornar impossível a apresentação de uma síntese que envolvesse todos os pensamentos expostos. Mas é o próprio autor que indica como fazê-lo, pois declara que "o foco referencial contido em todos eles são os conceitos de *gênese* e *estrutura* da epistemologia piagetiana".

O.M.

Pontual, Roberto. O destino do Centro sem seu criador. *J. do Bras.*, Rio de Janeiro, p.1. Cad. *B*, 27 set. 1980.

Depois de criado há 25 anos por Jean Piaget, o Centre International d'Épistémologie Génétique continua a funcionar na Universidade de Genebra. A morte recente de seu criador, aos 84 anos, privou o mundo de uma das mais apaixonantes figuras deste século. Pode-se dizer que ele concentrou seu conhecimento na indagação das etapas em que se desenvolve o saber humano, isto é, sobre as da criança, a fonte do homem. Num espaço relativamente modesto, trabalham 30 profissionais teóricos-experimentalistas, vindos de várias partes do mundo.

A idéia básica de Piaget foi a de colocar lado a lado, em colaboração teórica e em pesquisas comuns, especialistas em distintas disciplinas, como a filosofia, a matemática, a biologia, a psicologia, a lingüística, todos voltados para o estudo científico da existência e do crescimento do conhecimento.

Em princípio, para cada período escolar, há um tema central de estudo, como as estruturas físicas e matemáticas, a inteligência prática e a tomada de consciência, a contradição como motor da psicogênese, o equilíbrio dos processos cognitivos, a abstração empírica e a abstração reflexiva etc. Em torno do tema escolhido, os colaboradores se reúnem semanalmente para trocar informações sobre suas experiências e esta série de reuniões termina por um grande seminário anual que é o ponto alto do programa. A respeito desses seminários, diz o físico francês Halbwachs: Os teóricos não comparecem para ditar uma doutrina, mas terminam profundamente enriquecidos com as reflexões e pesquisas dos demais participantes. O importante é que nenhum desses esforços fica em plano puramente teórico: como queria Piaget, o objetivo final é permitir sua aplicação prática no campo da pedagogia.

O artigo apresenta a seguir o testemunho de numerosos profissionais sobre conclusões alcançadas em tais seminários.

Os 25 anos de trabalho de Piaget à frente da organização acham-se documentados e guardados na Fundação Arquivos Jean Piaget, fundada em 1974.

O.M.